



JUVENTUDES, CIDADE E HIP HOP: A CONSTRUÇÃO EDUCATIVA DO COLETIVO BATALHA DO VALE. ¹

Bruno Fantin Salvi ²

RESUMO

O presente artigo busca identificar e analisar os processos educativos acionados na vida dos jovens a partir de seu envolvimento com o Hip Hop, através da experiência na cidade promovida por este envolvimento, bem como relacionar estes saberes que se dão meio a espaços não formais de educação com os que acontecem nas instituições escolares. Para isso abordamos os jovens envolvidos com Coletivo Batalha do Vale, que atua desde 2015 em Presidente Prudente realizando ações culturais voltadas a cultura Hip Hop em espaços públicos da cidade. O envolvimento das juventudes com coletivos pode nos apontar para uma formação intelectual, política e social que ocorre fora da escola, e que esta poderia abordar estes saberes para a promover uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Educação; Culturas Juvenis; Geografia Cultural.

RESUMEN

Este artículo busca identificar y analizar los procesos educativos desencadenados en la vida de los jóvenes a partir de su implicación con el Hip Hop, a través de la experiencia en la ciudad que promueve esta implicación, así como relacionar este conocimiento que tiene lugar en espacios educativos no formales. con los que suceden en las instituciones escolares. Para ello, nos acercamos a los jóvenes vinculados al Coletivo Batalha do Vale, que opera desde 2015 en Presidente Prudente, realizando acciones culturales orientadas a la cultura Hip Hop en los espacios públicos de la ciudad. La implicación de los jóvenes con colectivos puede apuntarnos hacia una formación intelectual, política y social que se desarrolla fuera de la escuela, y que esta podría abordar este conocimiento para promover aprendizajes significativos.

Palabras clave: Educación, Culturas Juveniles, Geografía Cultural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o desenvolvimento e alguns resultados de pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento. Este estudo propõe um estudo a respeito das culturas juvenis, especialmente o Hip Hop, considerando que a cidade é um espaço

¹ Pesquisa a nível de Mestrado em andamento, financiada pela CAPES.

² Mestrando no curso de Geografia na Universidade Estadual Paulista – UNESP, b.fantin@hotmail.com.



educativo e que os jovens estão aprendendo e se formando ao viverem e comporem estes espaços, incluindo ambientes de manifestações culturais, políticas e de lazer.

Para isso abordamos jovens envolvidos com o movimento Hip Hop³, especificamente com o Coletivo Batalha do Vale (BDV), que atua em Presidente Prudente desde 2015, promovendo semanalmente em praça pública⁴ eventos culturais ligados a cultura Hip Hop. As questões e objetivos desta pesquisa surgiram a partir do trabalho de iniciação científica do pesquisador (SALVI, 2019). Com a realização desta pesquisa, é possível avançar na compreensão da espacialidade das juventudes, entendendo qual é a cidade e o espaço urbano que os jovens produzem com as suas práticas espaciais e qual o posicionamento destes jovens frente as desigualdades da cidade. Além disso, os resultados de pesquisa contribuem diretamente para a legitimidade das ações de coletivos juvenis, especialmente a Batalha do Vale, através do debate científico que aborde estas ações a partir do protagonismo juvenil e da participação dos jovens na construção da sociedade.

A pesquisa em questão objetiva então identificar e analisar os processos educativos que são acionados em meio à vivência dos jovens moradores de periferias pobres da cidade de Presidente Prudente e que estão, de alguma forma, envolvidos com a cultura Hip Hop, especificamente nas ações do Coletivo Batalha do Vale. Bem como investigar qual é a relação destes saberes informais com a Geografia, tentando relacioná-los com a aprendizagem que acontece no ambiente escolar. É objetivo desta pesquisa, também, promover a construção da problemática de pesquisa, teorização e plano de desenvolvimento junto aos membros do coletivo estudado, através da pesquisa em colaboração.

Consideramos então que a cidade é um espaço educativo (BERNET, 1997; CARRANO, 2003; DAYRELL, 2001; CAVALCANTI, 2015) e que por meio dos espaços de educação não formais (ruas, praças, espaços onde ocorrem as práticas cotidianas) os jovens estão adquirindo conhecimentos a respeito a própria realidade da cidade e que pode contribuir para um melhor entendimento das contradições da vida

³ Este movimento se consolidou nos guetos de Nova York, nos EUA, nas décadas de 1970/80, sendo formado por jovens negros, latinos e pobres, que utilizaram da arte como alternativa de superação frente a realidade de exclusão, vulnerabilidade e forte cultura de gangues. Os principais elementos artísticos do Hip Hop são: o breakdance (dança), o rap (música), o Dj (toca discos/discotecagem), o grafite (pinturas) e o principal elemento na qual todos estão orbitando ao redor: o conhecimento (PIMENTEL, 1997).

⁴ A Batalha do Vale iniciou suas atividades na praça “Oscar Figueiredo Filho” (Praça do Vale), tomando esta praça como principal ponto de encontro da juventude periférica em Presidente Prudente.



urbana, colocando os jovens como um sujeito social ativo na sociedade. Para esta análise participamos ativamente das atividades do Coletivo Batalha do Vale, construindo um constante diálogo a respeito do desenvolvimento da pesquisa com os membros do coletivo. Através da Observação Participante, as atividades do coletivo estudado configuram os trabalhos de campo, e os acontecidos relevantes e destacados pelo pesquisador registrados em diário de campo. Também entrevistamos pessoas que estão envolvidas com este coletivo em diferentes níveis, bem como algumas pessoas que participaram da formação da cultura Hip Hop em Presidente Prudente.

Com os dados produzidos percebemos que as contribuições educativas acionadas na vida dos jovens através de sua participação nas atividades de um coletivo juvenil como o da Batalha do Vale, são importantes para a formação da juventude enquanto membros da sociedade, e que o encontro e a sociabilidade nos espaços da cidade promovem reflexões formativas no âmbito político, social e também intelectual. Sendo assim, consideramos que os saberes que os jovens adquirem ao se envolverem com o Hip Hop estão muito ligados aos objetivos e funções sociais da escola, porém, não é possível afirmar que a escola, enquanto uma instituição formal de ensino, promove uma abordagem da realidade dos alunos nas atividades pedagógicas que acontecem dentro do ambiente escolar.

METODOLOGIA

Com a proposta de pesquisar as juventudes como protagonistas de suas ações e de seus caminhos, a primeira atividade desta investigação foi o diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito dos objetivos de pesquisa e também da maneira como seria desenvolvida. Junto a isso foi realizado um levantamento bibliográfico e leituras a respeito de temas que abordem a proposta de pesquisa, inclusive a respeito das metodologias. Essa etapa de diálogo e leituras foi importante para que se estimasse os limites e também a viabilidade desta investigação, tanto para o pesquisador quanto para o Coletivo estudado e seus membros. Isso fez com que acontecesse mudanças nos limites da pesquisa diversas vezes, sendo que, lentamente, através do diálogo, o estudo fosse se tornando também uma das pautas do coletivo abordado.

Todo este diálogo em junto ao Coletivo Batalha do Vale parte da proposta metodológica de Pesquisa em Colaboração e Participativa (RAPPAPORT, 2007;



BARTHOLL, 2018) que abordamos aqui. Esta metodologia consiste na participação direta do pesquisador no grupo estudado, onde este assume funções como um membro ativo do coletivo. Desta forma o Coletivo Batalha do Vale, através dos constantes diálogos a respeito da operação da pesquisa, aderiu em suas pautas a realização da pesquisa, na qual contamos com a participação de membros do coletivo em atividades da pesquisa, e também, a participação do pesquisador em atividades do coletivo. É uma negociação que deve ser respeitada e, eticamente, cumprida de acordo com o combinado. Através destas negociações, em pleno desenvolvimento da pesquisa foi possível passar de uma pesquisa sobre o Coletivo Batalha do Vale, para uma pesquisa com e para o Coletivo.

A metodologia que acompanha todo o processo de pesquisa é a Observação Participante. Este método é visto por Turra Neto (2001) como “uma metodologia na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, a captar de forma sensível os elementos que interessam para a sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado” (p.31). Sendo assim os trabalhos de campo desta pesquisa são realizados nas atividades do Coletivo Batalha do Vale, incluindo reuniões de organização, realização de eventos culturais, festas e atividades informais e sem planejamento. O que definem estas atividades como fonte para produção de dados é o registro no diário de campo, com o maior nível de detalhamento possível, pois segundo Winkin (1998) é através da análise deste registro que captamos fenômenos presentes em conversas informais e situações não planejadas.

Para que tivéssemos um registro formal realizamos entrevistas, com pessoas escolhidas juntamente com o Coletivo Batalha do Vale mas que correspondessem com nossos objetivos, na qual foram filmadas, gravadas e armazenadas em nuvem. As entrevistas mantiveram um caráter aberto e focalizado (BRITTO JUNIOR e FERES JUNIOR, 2011), onde o entrevistado é livre para detalhar sua perspectiva dos acontecimentos e o pesquisador conduz a conversa de acordo com um roteiro elaborado segundo os objetivos do estudo. Desta maneira dividimos os jovens em dois níveis de envolvimento com o Coletivo Batalha do Vale: organização e Mc's. Entrevistamos uma jovem que foi aluna e participou de atividades da Batalha do Vale dentro da escola, buscando captar ações educativas nas atividades do Coletivo que acontecem em ambiente escolar. Para o público das ações culturais do Coletivo, aplicamos enquetes online, visto que os eventos promovidos pelo coletivo estudado foram realizados virtualmente.



Também realizamos a mesma estrutura de entrevista para dialogar com pessoas que participaram da formação da cultura Hip Hop em Presidente Prudente, a fim de contextualizar o coletivo que estudamos dentro desta formação. Após a realização, as entrevistas foram transcritas para que fosse feito o tratamento destas através de quadros analíticos. Estes quadros que são organizados por temas que consideramos relevantes nos dão uma visão de totalidade, nos permitindo comparações entre os depoimentos, ampliando nossas possibilidades de análise.

Como forma de divulgação dos resultados da pesquisa e também como contribuição ao Coletivo Batalha do Vale, além do texto de dissertação que fornece amparo para futuras pesquisas a respeito de coletivos juvenis, também oferece material para que o Coletivo Batalha do Vale possa legitimar cada vez mais suas ações, produzindo projetos culturais e pedagógicos que possam fomentar ainda mais as atividades do coletivo. Além disso, como na proposta inicial, pretendemos o lançamento de um vídeo, em formato de mini documentário, que divulguem os resultados da pesquisa, contendo principalmente a relação entre a Batalha do Vale e a educação da juventude. Este vídeo será produzido juntamente com o coletivo, visto que existe a necessidade de atividades como edição de áudio e vídeo que exigem conhecimento técnico. Outra forma de divulgar os resultados da pesquisa, que acreditamos ser de grande alcance, é a produção de um fanzine, que é uma “pequena revista produzida artesanalmente e de tema livre” (FRANCO, 2014, p.39). A partir da confecção do fanzine, será possível a distribuição das revistas, ou panfletos, nos eventos promovidos pela Batalha do Vale, podendo atingir diversas pessoas que não estão nas universidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa parte do pressuposto de que a cidade é um espaço educativo, incluindo os espaços de lazer e que acontecem manifestações políticas e culturais. Segundo Jean Bernet (1997) a cidade contém espaços formais de educação, que são as instituições de ensino (escolas e universidades), os espaços informais que configuram bibliotecas, museus, cursos profissionalizantes promovidos por organizações diversas, e também os espaços não formais de educação, que são os espaços vividos no cotidiano, o bairro, as ruas, as praças...



Desta maneira acreditamos que os jovens, moradores de periferias pobres da cidade, estão adquirindo conhecimentos ao vivenciarem os espaços urbanos em suas práticas cotidianas, bem como as suas atividades políticas, culturais e de lazer. Para Lana Cavalcanti (2015) os jovens ao se lançarem nos espaços da cidade ressignificam esses espaços através de sua presença, como é o caso da Batalha do Vale, que realiza atividades culturais ligadas ao Hip Hop em praças públicas localizadas nas áreas centrais da cidade, mas que trazem elementos da cultura periférica. Para Paulo Carrano:

A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instâncias educativas tradicionais como as relacionadas com família e instituições escolares. [...] Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos. (CARRANO, 2003, p.16)

Consideramos então que além dos conhecimentos que os jovens adquirem dentro do espaço escolar, através dos conteúdos das disciplinas e atividades pedagógicas, a juventude também está adquirindo saberes que fazem parte da formação social, política e intelectual. Abordamos então as práticas dos jovens na cidade em espaços não formais de educação e buscamos uma relação com os saberes que são aprendidos em espaços formais.

Uma preocupação deste trabalho é de teorizar e analisar as juventudes como protagonistas de suas ações e caminhos. Segundo Carles Feixa (1999) muitos dos trabalhos publicados a respeito das culturas juvenis no século passado abordam as práticas dos jovens com temáticas relacionadas a delinquência (violência, gangues e criminalidade), o que configura uma tendência de abordarmos em nossas pesquisas as juventudes como uma fase turbulenta e passageira da vida. Helena Abramo (1997 p. 25) nos mostra que no Brasil os estudos acadêmicos relacionados a juventude foram em maioria “abordagens que orbitavam a respeito das instituições que estão presentes na vida dos jovens, como a família, a religião, a escola e também os órgãos jurídicos, que tratam dos jovens frente aos problemas de desigualdade e estruturas sociais”. A autora ainda



nos alerta de que estas temáticas tendem a não abordar o protagonismo dos jovens frente a superação dos problemas sociais.

É desta forma que buscamos abordar os jovens através das culturas juvenis, especificamente o Hip Hop, que historicamente configura um movimento juvenil com grande preocupação e potencial em levantar demandas e buscar melhorias sociais para a juventude através da arte e da informação. Com isso acreditamos que as práticas espaciais dos jovens podem ser analisadas a partir da relação da juventude com a cidade em que vivem, onde suas trajetórias de vida são parte da sociedade como um todo (DAYRELL, 2001), e produzem sua cultura, estilos e objetivos.

A partir disso analisamos os jovens e suas práticas espaciais na tentativa de situar as juventudes na construção da cidade e do espaço urbano. Para Turra Neto (2011) é necessário entender como acontece a espacialidade dos jovens, para que possamos compreender quais as práticas que os jovens exercem que compõem os espaços da cidade. Para isso abordamos o Coletivo Batalha do Vale e a cultura Hip Hop que, historicamente é construída pela juventude negra e marginalizada, a fim de entender o posicionamento da juventude frente a realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa se encontra em andamento, e é por isso que consideramos os resultados apresentados aqui como preliminares. Ao tentarmos entender o que os jovens aprendem ao se envolverem com o movimento Hip Hop, através dos depoimentos fornecidos em entrevistas, percebemos que a partir do encontro do jovem com o Hip Hop, que na maioria das vezes é dado através dos elementos artísticos desta cultura, os sujeitos passam a refletir e serem estimulados ao pensamento, o trecho a seguir foi extraído da entrevista com Denner e a resposta foi dada após ser perguntado se algo mudou em sua vida após aderir o Hip Hop:

Denner:⁵ Pra caramba, pra caramba. Eu acho que eu, primeiramente, como negro retinto, né mano, acho que fez eu perceber, primeiramente assim, me fez perceber o meu lugar como civil, tá ligado? O rap me fez sentir um civil,

⁵ Denner tem 27 anos, é morador de Álvares Machado (aproximadamente 5km de Pres. Prudente) e Mc da Batalha do Vale. Entrevista realizada em maio de 2021.



real assim, tipo... o rap me fez sentir, de fato assim, aquele artigo 1º⁶, não tem? que todo mundo tem o direito de ir e vir? Então... o rap me faz me sentir nesse direito aí, tá ligado? Eu acho que depois que eu conheci o rap... eu não me sentia assim, não só de conhecer o rap, mas de entender o Hip Hop em si, acho que quando eu conheci o Hip Hop que eu entendi essa parada do Artigo número 1...que até então eu achava que eu entendia, mas aí tinha aquela parada que nois fica brincando sobre a síndrome do Calton Banks⁷, tá ligado? Porque eu achava que eu era pá, falando: não, mas eu sou preto, não, mas eu sou preto..., mas nessa achando o Roberto Carlos melhor que o Tim Maia, tá ligado?... Nunca mano, nunca vai ser... não por questão pá, mas a gente é condicionado a pensar dessa forma, a gente é condicionado desde cedo a se perguntar: o que que tem de errado com você? Sendo que a única coisa que você tem diferente das outras pessoas, e que o sistema quer que seja demonstrado que seja diferente é que você tem a cor diferente da outra pessoa, mano... e de certa forma você se sente mais pra baixo...e aí o Hip Hop me mostrou mesmo mano, me mostrou a cultura, tá ligado? Uma cultura afrodescendente muito forte falando: “pô mano, você tem o direito de ir e vir também, você é um pretão da hora...”

Percebemos na fala do entrevistado que ao conhecer a cultura Hip Hop ele tomou conhecimento a respeito de seus direitos e de sua própria liberdade. Além disso fica evidente que a partir da reflexão promovida pelo contato com esta cultura, o jovem passa a ter maior identidade étnica racial e auto estima. Essa reflexão coloca o jovem como um sujeito social, consciente de sua posição no mundo, o mesmo podemos perceber na fala de Jimmy:

***Jimmy⁸:** Cara, olha...uma mudança assim, que o Hip Hop causou, o rap em si falando, foi a mudança do pensamento... quando eu comecei a prestar atenção nas letras, principalmente nas letras do Sabotage, Rzo, aquelas músicas lá, tá ligado? Pensava muito naquelas letras, por que as histórias que os cara contava no rap era muito parecida com a nossa história, com história de luta, de sofrimento, que a gente tem que batalhar pra chegar onde quer... e a gente se identificava e queria troca ideia com alguém e não tinha ninguém pra dar um conselho, e quem dava o conselho? O rap mano... as músicas. Sozinho de fone de ouvido, as música que tocava no fone voltando sozinho da pista de skate, colocava um rap e ouvia as mensagens... foi a partir disso que eu acredito que o amadurecimento mental foi evoluindo e eu não parei mais, não parei mais...*

⁶ O entrevistado refere-se ao Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

⁷ Personagem do seriado “Um Maluco no Pedaço” que representa um rapaz negro, que por ser milionário, não acredita no racismo.

⁸ Jimmy não nos disse sua idade, é recém formado em Pedagogia e Mc da Batalha do Vale. Entrevista realizada em junho de 2021.



É notável que ambos os sujeitos entrevistados receberam informações a respeito da realidade, que os forçaram a uma reflexão crítica de seus lugares no mundo, e nos dois casos essa informação chegou através da arte, da música rap. As letras de rap tratam a realidade de uma forma lúdica, utilizando de problemas sociais urbanos como inspiração para rimas, e o comprometimento com a mensagem a ser passada atinge realmente, como percebemos, quem as escuta.

Também destacamos que os aprendizados aparentemente promovidos pelo envolvido desses jovens com o Hip Hop, são a respeito da formação do jovem enquanto um sujeito consciênte e crítico, a fim de compreender melhor a sua realidade e estimula a necessidade de intervir no mundo em que vive. O que percebemos é que esta reflexão não foi gerada no ambiente escolar, partindo de atividades de lazer como ouvir música e caminhar pela cidade com fones de ouvido. Outro Mc entrevistado, Igor, que também é organizador da Batalha do Vale e membro mais atuante do Coletivo, deixa claro no trecho que traremos a baixo que a rua, os espaços da cidade em que frequentava em tempo livre, foram os espaços que promoveram maior curiosidade e ambição pelo conhecimento, assim como seu interesse pela leitura:

Igor⁹: Mano, esse livro aqui eu ganhei da minha primeira namorada, de aniversário, ela deu de presente pra mim, é autografado aqui ó...mas é autografado para o nome do pai dela por que foi no cartão dele que ela comprou pela internet (risos). Não tem o meu nome, mas firmão... ja coletei assinatura do Eduardo¹⁰ na palestra dele, tá no meu caderno da faculdade. E o Eduardo tinha acabado de lançar esse livro e eu ganhei ele, lendo me interessei pela faculdade mas já tinha saído da escola. E aí eu queria ser revolucionário, queria fazer a diferença... pretão, queria fazer dinheiro, fazer a diferença, quero conseguir muita fita, mas não quero roubar e nem fazer nada ilegal... e tem uma parada dessa época que eu curtia ficar debatendo, eu colava na pistinha de skate do São Matheus, e tava eu o Mantega, e uma mão colo uma mina lá com uma ideia de coxinha, e o Mantega punk já lançou as paradas do capitalismo, tá ligado, mano? Falando sobre o universo, o Mantega debatendo e eu entrando nos debates, mas eu não tinha muito embasamento mano, não tinha argumento, eu me baseava tudo nos rap mano, o rap que falou pra mim tipo: Mano, você tem que estudar”. Eu comecei a tomar enquadro e não sabia o que falar pros PMs mano, e queria tomar enquadro e não ficar chamando ninguém de

⁹ Igor tem 25 anos, é organizador da Batalha do Vale desde 2015, também é Mestre de Cerimônias (apresentador) das batalhas de mc's, Mc e produtor cultural. Entrevista realizada em maior de 2021.

¹⁰ Eduardo Taddeo, Mc e escritor, o livro na qual o entrevistado se refere é “A guerra não declarada na visão de um favelado” lançado em 2012.



senhor, com medo...eu queria estudar mano, eu percebi que pra bater de frente com o sistema tinha que estudar, tinha que fazer meu corre, obter conhecimento, ler livro...voltei para o supletivo... as pessoas fazem o supletivo rapidão, eu demorei pra caramba pra fazer meu supletivo, um ano inteiro...fiz meu vestibular... passei em História...

Percebemos com as falas dos jovens sujeitos entrevistados que o estímulo para a busca e a evolução em direção do conhecimento foram promovidos através da vivência nas ruas, nos espaços de lazer e culturais. Segundo Paulo Carrano (2001) e Juarez Dayrell (2008) é através da sociabilidade, da relação que os jovens tem entre si e com a cidade em que vivem, que a formação como cidadãos críticos e participativos, complementando o processo de educação que também acontece na escola.

Nenhum dos entrevistados que expomos aqui nos mostrou ter tido uma trajetória escolar produtiva no sentido de estar sempre acompanhando as aulas e os conteúdos ministrados em sala de aula. Porém na vida extra escolar, fora dos muros, estes mesmos sujeitos vivenciaram situações que os fizeram refletir e se aproximar dos estudos, buscando no acesso a universidade uma alternativa de melhoria de vida. Em relação a contribuição das ações do Coletivo Batalha do Vale neste processo, o de estimular e aproximar a juventude periférica dos estudos e do conhecimento, podemos destacar que a experiência coletiva, de ocupar espaços da cidade para promover o Hip Hop, gerou um empoderamento e auto confiança nesses jovens para que enfrentassem as barreiras sociais, incluindo as presentes no acesso a universidade ¹¹, de maneira mais leve e consciente:

Jimmy: E também a BDV me mostrou algo assim que eu nunca pensei que eu ia enxergar mano, essa parada de ser bolsista, de depender do transporte público...cara vou falar uma coisa pra vocês aqui, trabalhar e estudar, pegar busão (ônibus) chegar meia noite, uma hora mano. Eu chegava até cedo, chegava meia noite, tem gente que chegava uma hora da manhã em casa... essa realidade não é fácil, e essas ideias são as que a gente trocava na BDV, e eu me deparei com essa situação em diversos momentos. Mas isso não me pegou de surpresa... é aí que tá... quando a gente é pobre, periférico e se depara com um ambiente universitário é um choque, mano. Por que infelizmente a nossa educação não prepara o aluno para todo o processo da universidade... então tem muita gente que chega a desistir. Então até a gente se adaptar, ver que aquilo é real, a gente desiste..., mas assim, eu não desisti

¹¹ Consideramos aqui as dificuldades históricas e sociais que pessoas negras enfrentam ao acessarem a universidade, visto que esta instituição historicamente é formadora de pessoas brancas e sem o status de “periféricas”.



mano, por que? Porque eu sou melhor? Porque pra mim foi diferente? Não mano, por que a Batalha do Vale, de alguma forma, meio que preparou, tá ligado? Ela pegou toda aquela ideia que eu tinha, por que as vezes você tem as ideias, mas não sabe como estrutura-las, e eu tinha as ideias...e aí vendo tudo aquilo, participando, vivendo, conhecendo outros Mcs com mais caminhada, outros que passavam a visão, eu fui assimilando... então a BDV me preparou pra esse corre, e eu hoje estou no último período da faculdade. Não foi fácil, foi muito difícil e eu vou exercer a profissão de professor...

***Denner:** Eu acredito que sim, ajudou e vai ajudar ainda mais...mas como a gente estava falando, não só me deu essa vontade de querer estudar, de querer ter uma formação, de compromisso... eu quero, de fato, terminar a Pedagogia, para conseguir aplicar dentro da Pedagogia, o Hip Hop, e colocar para as crianças, de certa forma, de forma bem pedagógica, para ensinar pras crianças desde pequenas, que elas tem seu direito de ir e vir desde criança, mano. Você sendo preto, sendo mulher, sendo homossexual, sendo diferente, fora do padrão que o sistema quer que você seja... eu acho que o Hip Hop vem muito para querer demonstrar essa diferença, essa diversidade...*

Essas respostas surgiram após os entrevistados serem perguntados se as ações da Batalha do Vale tinham contribuído para suas vidas intelectuais. Por tanto percebemos que o contato da juventude periférica com a cultura e movimento Hip Hop pode ser tão educativa e inspiradora para os estudos quanto as situações vividas em ambiente escolar, e por vezes, muito mais. As análises aprofundadas a respeito das trajetórias de vida dos jovens sujeitos abordados estão em andamento, visto que a pesquisa se encontra justamente neste momento, de análise dos dados. Parcialmente é possível destacar que as práticas coletivas dos jovens, em espaços diversos da cidade, através de manifestações políticas, culturais e de lazer, promovem ambientes educativos, na qual a realidade é uma pauta a ser discutida e refletida.

Em nossa proposta inicial a abordagem das ações do Coletivo Batalha do Vale dentro das escolas era fundamental para entendermos a relação do Hip Hop com a escola. Porém, devido aos impedimentos da pandemia da covid-19, a escola se tornou inacessível para o Coletivo BDV, assim como os estudantes, o que causou um afastamento da pesquisa do ambiente escolar. O que buscamos então foi dialogar com Kamily, estudante da E. E. Pedro Tófano, no bairro Montalvão, onde a Batalha do Vale realizou uma atividade pedagógica, a convite desta estudante, em dezembro de 2019, sendo a última atuação do Coletivo em escolas.

Através do diálogo com a estudante, percebemos que a escola enquanto uma instituição não realiza esforços para aproximar os conteúdos escolares da realidade dos



alunos fora da escola, incluindo os saberes acionados pela vivência na cidade. Essa aproximação, na maioria das vezes em que acontece, parte do esforço individual de algum professor ou até mesmo dos jovens estudantes, como comenta Kamily a respeito da ida da Batalha do Vale até sua escola:

Kamily¹²: Foi diferente, porque o pessoal já conhecia um pouco pela internet, alguns iam para o parque do povo e passavam lá e já tinham uma ideia do que era Batalha do Vale, que é um movimento de batalha de rima, isso que eles têm o entendimento, eles sabem que é isso, e alguns já conheciam os Mcs, já tinham uma ideia de quem era... alguns eles não conheciam, que era novo para eles, e eles não conheciam... mas a Batalha do Vale ajudou bastante para eles conhecer o que é o movimento do rap, o que é o Hip Hop. Ajudou muito eles (seus colegas de escola) nessa questão de refletir, porque às vezes eles têm interesse. Eles escutam as músicas, mas não sabem da onde veio, qual a causa, o que não é a causa, quais as referências essas coisas assim eles não sabiam. E a Batalha do Vale levou para escola, para eles entenderem sobre, a onde surgiu os primeiros b-boys¹³, os rappers, o movimento em geral, foi muito importante para eles eu tenho certeza disso.

Os alunos das escolas em que o Coletivo Batalha do Vale já realizou ações, como percebemos em Salvi (2019), se animam ao verem jovens vestidos como querem (fora dos padrões), falando gírias e usando bonés. Esse contato dos jovens da Batalha do Vale com os estudantes se torna um momento de aprendizagem, pois ao verem pessoas próximas a eles, que falam a mesma linguagem, tocarem em assuntos e promoverem debates a respeito da importância dos estudos e do conhecimento realmente estimula os alunos a se aproximarem e levarem mais a sério os estudos. Sabemos, no entanto, que uma aprendizagem significativa acontece a longo prazo, porém não podemos deixar de destacar que as investidas dos coletivos de Hip Hop para dentro das escolas são uma conexão do ambiente escolar com os saberes que ocorrem nas ruas, como mostramos aqui. Diversos trabalhos nos mostram o potencial do Hip Hop e seus elementos artísticos em abordar temáticas sociais previstas pelo currículo escolar (JOVINO, 1999; NEVES,

¹² Kamily tem 17 anos, é estudante e escritora, convidou a Batalha do Vale para uma atividade em sua escola. Entrevista realizada em maio de 2021.

¹³ Dançarinos (b-girls são as dançarinas) que praticam o breakdance.



1999). O que tratamos aqui, é mais uma tentativa de ampliar a abordagem da realidade do aluno e os conhecimentos adquiridos em espaços não formais de educação dentro da escola, propondo fazer isso através da cultura Hip Hop.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar a partir do debate levantado com este trabalho e em nossas pesquisas, que as juventudes compõem os espaços da cidade através do encontro, para manifestações culturais e políticas. Abordamos aqui a cultura juvenil do Hip Hop, através do Coletivo Batalha do Vale, que nos mostra que, através das suas ações culturais e pedagógicas, em praças e escolas de Presidente Prudente, os jovens envolvidos estão sujeitos a enfrentar situações de diálogo, conflito e diversão. Essas situações podem levar os jovens a refletirem a respeito da realidade (CARRANO, 2011), de sua posição no mundo, intrigando este sujeito a buscar uma compreensão a respeito de sua cidade, seu bairro e de suas ações.

A partir da reflexão promovida pela vivência e sociabilidade na cidade, por parte das juventudes envolvidas com o Hip Hop, os jovens podem buscar nos estudos, no acesso a universidade, uma alternativa para a superação e a ampliação dos horizontes profissionais e pessoais. Ao mesmo tempo, percebemos que um coletivo juvenil como a Batalha do Vale, fornece amparo e preparação para que esses sujeitos negros e periféricos enfrentem e superem as barreiras raciais e sociais impostas pelo espaço universitário.

Ao se lançarem nos espaços da cidade, bem como acontece com a Batalha do Vale, que realiza semanalmente eventos culturais de Hip Hop em espaços públicos, estão construindo uma espacialidade, sendo possível distinguir esta atividade (uma batalha de rimas, por exemplo) como uma prática juvenil, diferenciando esta prática de outra praticada por um grupo de adultos. Isso nos indica a formação da territorialidade juvenil em Presidente Prudente através do Hip Hop e da Batalha do Vale, assumindo e ressignificando uma praça com pouco uso em um espaço de promoção de lazer, cultura e informação para os jovens periféricos.

REFERÊNCIAS



BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento**: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro. Consequência, 2018.

BERNET, Jean T. Cidades Educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, Maria Amélia Sabbag (org). **Cidades Educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.

BRITTO JUNIOR, A. F.; FERES JUNIOR, N. A Utilização de Entrevistas em Trabalhos Científicos. **Evidência**, Araxá, v.7, n.7, p. 237-250, 2011.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo C. R.. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**, v.12, nº 26, p. 07-22. Set./Dez. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais: jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, L. S., CHAVEIRO, E. S., PIRES, L. M. (org.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora PUC Goiás. 2015. p. 12-29.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001. p. 136-161.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999

FRANCO, F. Poletto. **Geografia e Ensino: Elaboração de Fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.



FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 77-86.

JOVINO, D. S. Ione. “Rapensando” os PCN’S. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo. Editora: Summus, 1999. p. 161-166.

NEVES, L. A. D. Rap na Sala de Aula. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo: Editora: Summus, 1999. p. 153-160.

PIMENTEL, Spency. **O Livro vermelho do Hip Hop**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. 1997.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de lá escritura: la epistemología de la etnografía em colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**. Vol.43, enero-diciembre, 2007, pp. 197-229. Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Bogotá, Colombia.

SALVI, Bruno Fantin. **A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente**. 2019. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2019.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina**. 2001. 179 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89832>>.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. In: **RA'E GA**, 2011. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. p. 340-375.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998. p. 129 –145.